

Continua a Haver Duas Espanhas

Alfredo Margarido *

Resumo

A Espanha contemporânea foi violentamente marcada pela Guerra Civil dos anos 30 do século passado e pelas violências que a acompanharam. Marcas que ainda hoje continuam presentes na memória colectiva e na forma como essa memória contribui para a demarcação de campos políticos e ideológicos.

Palavras chave:

Guerra Civil, Franco, Memória, Falange, Fascismo

Abstract

Contemporary Spain was violently marked by the Civil War of the 30s from the past century and by the violence that accompanied it. These marks continue to be present today in the collective memory and the way that that memory contributes to the demarcation of political and ideological camps.

Keywords:

Civil War, Franco, Memory, Falange, Fascism

Li há tempos com surpresa, certamente ingénua, uma das crónicas de Vasco Pulido Valente, na qual dizia a sua indignação perante aqueles que mobilizam a história das muitas tropelias das direitas na

* ULHT

Península. E empenhava-se em denunciar esses defensores da memória: mas quem se lembra de 1936? Pertencço aos mais velhos, e a guerra de Espanha mal classificada como «guerra civil» quando na verdade se tratou da contra-revolução organizada pelos militares e «los curas», mostrou, aos portugueses mais conscientes da dimensão política do conflito, a violência repressiva das direitas. E lembro-me dos fuzilados desse ano, tal como me lembro do eco das armas de fogo, resultado de umas férias numa região fronteiriça.

Verifica-se uma profunda diferença no comportamento das esquerdas peninsulares: enquanto a nossa esquerda parece satisfeita com as aquisições da «Revolução dos Cravos», já os Espanhóis se mostram insatisfeitos com o que já foi conseguido. É certo que os Espanhóis contam com mais de um milhão de mortos durante os combates, não tendo havido entre nós morticínios dessa grandeza. E, como dizia o esquecidíssimo Blasco Ibañez, «los muertos mandan», devemos contabilizar esses mortos e verificar que continuam a pedir, a exigir, vale mais dizer, justiça.

Como seria possível esquecer 1936 quando as consequências da derrota dos republicanos, incluindo democratas e anarquistas, são as piores da vida espanhola com a ditadura franquista que procurou parar a marcha da inteligência espanhola, fazendo lembrar os aristocratas do *siglo de oro* (recorro à teses do malogrado Noël Salmon), que preferiam ser estúpidos, tendo-o conseguido, para evitar ser confundidos com os judeus, sabidamente inteligentes. Foram estes homens que acabaram por exaltar a morte e provocaram a banalização dos morticínios. Como esquecer isso assim como a multiplicação dos homens encostados ao «paredon», fuzilados pelas razões mais diversas e muitas vezes as mais mesquinhas.

A morte de Franco reduziu de maneira visível a autoridade da direita, mesmo se ainda não conseguiu impor uma certa disciplina «a los curas» – tendo contudo aberto a possibilidade de reorganizar a

história não em função da deformação franquista, mas classificando os factos e multiplicando as provas. Sempre mais decididos do que nós e mais politizados, os Espanhóis procederam primeiro à limpeza dos signos do franquismo, começando pelas esculturas e pelos *fascios* da falange para o alargar aos nomes das ruas.

Essa limpeza empurrou para a reforma uma grande quantidade de estátuas, entre as quais a clássica do Franco a cavalo, como devia caber a um homem que, não podendo ser majestade, queria em todo o caso mostrar-se majestoso.

Retenho dois elementos que mostram a maneira pertinaz como os espanhóis republicanos estão empenhados em devolver ao povo da esquerda a honra que lhes tem sido recusada. Não sem lembrar, *au passage*, que o actual primeiro-ministro é neto de um oficial republicano, fuzilado pelas forças franquistas.

O país espanhol está povoado pelas fossas de Franco: fossas comuns, onde se lançavam cadáveres fabricados pela brutalidade franquista. Entre os muitos livros dedicados à incerteza dos lugares onde foram abertas as fossas, a perturbação da Memória de muitas testemunhas, a ausência de registos, a improbabilidade das declarações de óbito, tudo isso faz os republicanos procurarem os restos mortais dos parentes e catando informações, encontrarem o lugar onde corre «la sangre» e mesmo afirmando que «no quero verla», é precisamente tão injusta por vezes tão cruelmente derramado, é com alívio que são recuperados esses restos mortais.

Descobre-se agora o que na verdade constitui o elo que liga o franquismo ao nazismo e ao comunismo soviético: o assassinio político em grande escala tal foi, tal resta, a característica principal destes fascismos-totalitários (desculpe-se o quase pleonasma e e saiba-se que adapto aqui uma fórmula de Patrick Pépin). Para organizar mais cientificamente essa busca e recuperação, criaram os Espanhóis a Associação para a Recuperação da Memória Histórica (ARMH). Trata-se de um trabalho que não

só exige o rigor da História, mas também um espírito capaz de resistir às emoções que desencadeia sempre a identificação de mais uma fossa cheia de esqueletos de republicanos fuzilados.

Creio contudo que o espaço no qual se extremam mais os campos que continuam a dividir «duas Espanhas», mobilizou os anúncios funerários, como se pode facilmente verificar num diário como *El País*: os republicanos publicam um anúncio onde se dá notícia da morte de alguém, que morrera assassinado em 1936 pelos franquistas. Haverá resposta, há-a sempre, anunciando também a morte de uma personalidade da direita, assassinado pelos «rojos». Se os franquistas puderam construir um panteão para os seus muitos mortos, o Vale dos Caídos, a esquerda foi afastada das honras *post-mortem* e só agora é que as fossas franquistas começaram a devolver à pátria e à morte socialmente magnificada, tal se faz com um burburinho colérico, de ambos os lados, como se a polémica interna entre as duas Espanhas continuasse a depender da guerra civil que multiplicou os mártires da Pátria, sempre a começar por Federico García Lorca, assassinado pelos franquistas logo no começo dos combates.

Sei muito bem que não teremos tais fossas, embora elas estivessem no espírito da Polícia política, como mostrou o assassinio do general Humberto Delgado e da sua secretária brasileira. Premidos pelo tempo e pelo desprezo pelos adversários, sobretudo quando reduzidos a cadáveres e por isso inteiramente inermes. Por razões que têm tudo a ver com as condições do combate político a nossa memória só pode evocar o mau enterro do capitão Almeida Santos nas areias do Guincho. Embora esta situação não devesse eliminar a memória. A verdade manda contudo que continue a denunciar-se a moleza que se registou entre os militares sempre dispostos a «desconhecer» o comportamento dos agentes e dos dirigentes da polícia política, onde havia oficiais ou antigos cabos ou furriéis milicianos.

A direita vive muito bem com este esquecimento, que a esquerda terá sempre de lamentar, mesmo se

tornava mais evidente a fractura que entre nós separa a esquerda da direita que vive muito bem numa democracia que não conseguiu desembaraçar-se completamente dos maus genes do passado. Ter-se sido preso político passou a ser um arcaísmo, como se os milhares de portugueses que passaram pelas cadeias políticas, não fossem o que continuam a ser: a frente do antifascismo que o 25 de Abril abalou de forma definitiva, embora não tivesse conseguido eliminar os muitos miasmas de um passado ainda muito recente e mais trágico do que se pensa.